ARQUEOLOGIA EM PORTUGAL

2026 – Estado da Questão



ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES

ARQUEOLOGIA EM PORTUGAL

2026 – Estado da Questão

Textos

ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES

Coordenação editorial: José Morais Arnaud, César Neves, Patrícia Jordão e Fernanda Magalhães
Design gráfico e paginação: Paulo Freitas

ISBN: 978-989-36906-3-5

Edição: Associação dos Arqueólogos Portugueses e Departamento de História do Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Minho
Lisboa, 2026

O conteúdo dos artigos é da inteira responsabilidade dos autores. Sendo assim a Associação dos Arqueólogos Portugueses declina qualquer responsabilidade por eventuais equívocos ou questões de ordem ética e legal.

Desenho de capa:
Planta da cidade romana, sobreposta pelo sistema defensivo romano e medieval (Magalhães, 2019: 6)
Desenho de contracapa:
Proposta de restituição do teatro de *Bracara Augusta* (adaptado de Martins *et al*., 2013: 67)

Organização:

Apoios:

Esta iniciativa é apoiada através do Financiamento Plurianual do Laboratório de Paisagens, Património e Território (Lab2PT), Ref.ª UID/04509: Laboratório de Paisagens, Património e Território (Lab2PT/UM), financiado por fundos nacionais (PIDDAC) através da FCT/MCTES.

Índice

15 Prefácio
José Morais Arnaud

1. Pré-História

19 Modelação preditiva, aprendizagem automática e validação arqueológica: repensar padrões de ocupação da paisagem no Pleistoceno
Pedro Guedes Horta

29 A jazida acheulense do Canal Intercetor de Esposende I (NW de Portugal): enquadramento geoarqueológico e caracterização preliminar da indústria lítica
Sérgio Monteiro-Rodrigues / Carlos Ferreira

43 O tecno-complexo Acheulense na fachada atlântica da Península Ibérica: divulgação e balanço de novas investigações
Carlos Ferreira / Eduardo Méndez-Quintas / João Pedro Cunha-Ribeiro

57 Economia do Quartzo: primeiros resultados experimentais para o estudo das indústrias em quartzo do Paleolítico Médio em Portugal
Maria Melo / João Zilhão / Thierry Aubry

65 Mudança e Continuidade na Subsistência Paleolítica da Rede Cársica da Nascente do rio Almonda, Torres Novas
Mariana Nabais

77 As oficinas de talhe na freguesia da Ramada, Odivelas: dois casos de estudo
Anabela Joaquinito / João Caninas

89 Dinâmicas tecnológicas e funcionais de projéteis líticos no Paleolítico Superior do Sul de Portugal
Gonçalo Machado / Pedro Horta

97 Contributos para o conhecimento das imagens paleolíticas do Vale do Côa: as campanhas de documentação na Foz da Ribeirinha, Ribeira das Cortes e Quinta da Barca Sul
André Tomás Santos / Luís Luís / Tania Mosquera Castro / Marcelo Silvestre / Thierry Aubry

113 Figuras raras na arte rupestre do Paleolítico Superior da região do Côa
Mário Reis

129 ArtLantic: veados no Holoceno Atlântico, entre mundos de pedra e osso
Joana Valdez-Tullett / Trond Lødøen / Sofia Figueiredo-Persson / João Muralha

141 Em torno das estruturas de fogo de Casal Leitão (Lourinhã): resultados de um programa experimental
Ana Cristina Araújo / Ana Maria Costa / José Bruno Cruz / Pedro Cura / Patrícia Monteiro / César Neves / Carlos Simões / André Teixeira

155 A presença do *Bos primigenius* da Lorga de Dine (Vinhais, Bragança): estudo zooarqueológico e contextualização no Nordeste Transmontano
Filipe Barbosa / Cláudia Costa / Hugo Aluai Sampaio

165 Ir construindo para se ir habitando. Organizar espaços, organizando sociedades. O caso de Castanheiro do Vento, um sítio da pré-história recente do Alto Douro português
João Muralha / Ana Vale

177 Do Rio a Vila Nova de São Pedro: reconstrução paleoambiental e navegabilidade do Rio Almoster
Ana Maria Costa / Maria da Conceição Freitas / André Patrocínio / César Neves / João Pedro Tereso / Cláudia Oliveira / Mariana Diniz

189 Dinâmicas de exploração e consumo de recursos siliciosos em Vila Nova de São Pedro (Azambuja): análise de novos dados (2019-2022)
Patrícia Jordão / César Neves / Mariana Diniz / José Morais Arnaud

207 O sagrado, o simbólico e o doméstico no 3º milénio AC: as figurinhas antropomórficas de Vila Nova de São Pedro (Azambuja) e as paisagens ideotécnicas do Calcolítico do SW peninsular
Mariana Diniz / César Neves / José Morais Arnaud

221 Vila Pouca: um dos locais mais importantes da Pré-História de Lisboa?
Nuno Pires / Carlos Didelet

235 2900 a.C. no Sudoeste Peninsular. Algo mais que uma crise superada?
António Carlos Valera

249 Estudo do material lítico das estruturas de enterramento da Mamoa da Portela da Anta / Casinha dos Moiros, Arouca, Centro-Norte de Portugal
Lúcia Machado / Pedro Horta

259 Mamoa do Forninho (Rio de Loba, Viseu): salvando meia mamoa
Maria de Jesus Sanches / Miguel Almeida / Sílvia Coelho / Américo Araújo / Mónica Corga

275 Os Monumentos tipo *tholoi* do concelho de Sintra (3º milénio a.C.) – Estado do conhecimento e perspetivas de investigação
Catarina Costeira / Eduardo Porfírio / Pedro Mendes / Teresa Simões

295 Os elementos de adorno: contas pendentes do Monumento Pré-histórico da Praia das Maçãs (Sintra)
Rita Loureiro / Catarina Costeira / Eduardo Porfírio / Ana Catarina Sousa / Carlos P. Odriozola

307 Megalitismo funerário e monumentalidade: origens e evolução no Alentejo Central (Portugal)
Leonor Rocha

319 Dinâmicas da ocupação pré-histórica no concelho de Avis: resultados do projecto TEMPH (2014–2025)
Ana Cristina Ribeiro

327 Santa Maria 3 (Serpa): análise antropológica e funerária de um sepulcro do 3.º milénio a.C.
Helena Gomes / Lucy Shaw Evangelista / Tiago do Pereiro / António Carlos Valera

339 Contribuição da Zooarqueologia para o Estudo das Práticas Funerárias no Calcolítico do Alentejo: os *Tholoi* de Monte do Cardim 6 e Horta do João da Moura 1
Matilde Pereira / Cláudia Costa / António Faustino Carvalho

349 O Edificado, observado e o subterrâneo: uma abordagem tridimensional e transdisciplinar na paisagem megalítica do Algarve
Luísa M. Teixeira

361 Estudo das Grutas Arqueológicas do Algarve
João Varela

2. Proto-História

371 **2.1.** Distribuição espacial das gravuras rupestres com círculos segmentados entre as Rias Baixas e o Norte de Portugal: análise interpretativa
Diogo Marinho / Ana M.S. Bettencourt

383 **2.2.** O povoamento da Idade do Bronze no estuário do rio Douro: Novos dados
Marta Borges / Ana M. S. Bettencourt / Mário Gonçalves

395 Contributos para o estudo dos hipogeus do Bronze Médio do SO na região de Beja e Serpa: o caso do Monte do Carrascal I (Beja)
Domingos Borges

405 Os colares associados a Inumações Humanas na Necrópole de Hipogeus do Bronze do Sudoeste de Torre Velha 3 (Serpa)
António M. Monge Soares / Eduardo Porfírio / Pedro Valério / Catarina Alves / Luís Cerqueira Alves / Luís Mota Ferreira / Catarina Costeira / Susana Estrela / Miguel Serra

423 A cerâmica da necrópole de Medarra (Ervidel, Aljustrel): novos dados para um sítio da Idade do Bronze do Sudoeste Peninsular
Mariana Silva / Ana Catarina Basílio / Rute Silva / Maria João Marques / Samuel Melro / Miguel Serra / Nelson J. Almeida

433 Recursos, Tecnologias e Culturas Têxteis na Idade do Bronze do Sul de Portugal (2200-800 a.n.e.): Resultados e Perspetivas do Projeto Exploratório *TransTexTec*
Francisco B. Gomes / Catarina Costeira / Ricardo Basso Rial / Carina Amaratelal Nunes / Cleia Detry / Nelson Almeida / Eduardo Porfírio / Sérgio Gomes / Linda Melo / Yuna Le Quéré / Leandro Borges

449 Economia do metal entre o Bronze Final e a Primeira Idade do Ferro: os depósitos de Fonte Velha (Barcelos) e Quinta do Ervedal (Fundão)
Carlo Bottaini / Raquel Vilaça / Ignacio Montero Ruiz / Dirk Brandherm

461 Representações femininas na arte rupestre da Idade do Ferro em Portugal: novas perspetivas a partir do Vale do Sabor
Sofia Figueiredo-Persson

473 O registo da Pedra Formosa do Balneário Sul da Citânia de Briteiros (Guimarães). Decoração e epigrafia
Gonçalo Cruz / Francisco Sande Lemos / Rui Pedro Barbosa / António Freitas Ribeiro

487 Excepções à regra? As esculturas zoomórficas do Castro de Sabroso (Guimarães)
Gonçalo Cruz / Carlos Leal Gomes / António Freitas Ribeiro / Francisco Abreu

499 Perspetivas e balanço do projeto *ProBracari*: o estudo sobre o Castro Máximo (Braga)
Nuno Oliveira

515 Fonte do Soldado – Primeiros Resultados de um sítio inédito
Adriaan De Man / João Tiago Tavares

527 A colina da Sé de Viseu na II Idade do Ferro: estudo de um conjunto cerâmico e seus contextos
Yasmin Puga / Pedro Sobral de Carvalho / Nádia Figueira / Raquel Vilaça

543 O uso de recursos vegetais nas unidades domésticas da Beira Interior durante o I milénio a.C.
Inês Soares / João Pedro Tereso / Raquel Vilaça

557 Que histórias nos conta o centeio no sudoeste da Europa? O projeto *RYSE*
Luís Seabra / Allowen Evin / Sarah Ivorra / Laurent Bouby / Eleonora Cagliero / João Tereso / Jérôme Ros

569 Arqueometria aplicada aos conjuntos cerâmicos da fase arcaica da Idade do Ferro em Lisboa: o projecto Phoenset
Elisa de Sousa / Benjamín Cutillas-Victoria / Alberto López López / Francisco B. Gomes / Patrícia Jordão / Petra Pinto / Paulo Rebelo / Ricardo Ávila / João Luís Cardoso

581 Iconografia taurina em cerâmica da Idade do Ferro do Largo de Santa Cruz do Castelo (Lisboa)
Elisa de Sousa / Benjamín Cutillas-Victoria / Alberto López López / Sandra Guerra

595 O instrumental têxtil do povoado da Idade do Ferro da Quinta do Almaraz (Almada)
Ana Olaio / Francisco B. Gomes

605 Fechos de Cinturão: Contributo para o Estudo da Indumentária da I Idade do Ferro no Sul de Portugal
Yuna Le Quéré

617 Revisitando espólio – as ânforas D de Pellicer da intervenção no Quintal da Polícia Judiciária (Faro, Algarve, Portugal)
Inês Domingos da Silva

627 A presença de *bucchero* etrusco na Península Ibérica
Margarida M. de S. Rodrigues

3. Antiguidade Clássica e Tardia

639 Beneath the surface: Dinâmicas de ocupação e mobilidade no vale do Rabagão entre a Idade do Ferro e o Período Romano
Bruno Filipe Poças Dias / Diego Machado / Rebeca Blanco-Rotea / Natália Botica

651 Novos dados sobre a ocupação proto-histórica e romana do Castro de Alvarelhos (Trofa, Portugal)
Daniela Ferreira / Rui Centeno / Leandro Costa / Rui Morais / Francisco Raimundo

665 Um regresso ao Prazo (Freixo de Numão, Vila Nova de Foz Côa) – um primeiro testemunho
Antonio Sá Coixão / Tony Silvino / Pedro Pereira

677 A cidade como cenário e símbolo de poder: de *Bracara Augusta* a *Bracara* (I a.C. – VII d.C.)
Francisco Folgueira Ríos / Diego Machado / Manuela Martins

689 Permanências e transformações do sistema viário de Braga: os novos dados arqueológicos da rua dos Falcões n.º 18/rua do Anjo n.º 39 e da antiga Fábrica Confiança
Letícia Ruela / Maria do Carmo Ribeiro / Fernanda Magalhães

701 A cultura do linho durante a Antiguidade no vale do Douro: testemunhos do sítio de Trás do Castelo (Vale de Mir, Pegarinhos)
Tony Silvino / Pedro Pereira / Yannick Teyssonneyre / César Oliveira

715 Um rio, duas cidades e seus territórios: linhas de investigação sobre o povoamento romano do Baixo Mondego
Pietro Mack

723 O Quarteirão urbano a norte da Casa dos Repuxos: resultados e balanço do projecto no Vale Norte de Conimbriga (2023-2025)
Ricardo Costeira da Silva / José da Silva Ruivo / Virgílio Hipólito Correia / Vítor Silva Dias

739 Entre o gesto e o vestígio: interações organismo-substrato na cerâmica romana da *Villa* Romana da Quinta da Bolacha (Amadora)
Vanessa Dias / Gisela Encarnação / Carlos Neto de Carvalho

751 Resiliência de um teatro romano na Lisboa do século XXI: novos dados sobre o monumento cénico
Lídia Fernandes / Carolina Grilo / Patrícia Brum

763 As dinâmicas de Povoamento Romano em torno de Monte dos Castelinhos: II – o sítio de Aposento
João Pimenta / José Barreto Domingos / Henrique Mendes

777 Do sítio rural de época romana à paróquia medieval de São Martinho de Moazares (Penafiel, Norte de Portugal)
Maria José Santos / Helena Bernardo / Teresa Soeiro

793 A reorganização do território rural na transição da época romana para a Antiguidade Tardia: entre os rios Ferreira, Tâmega e Douro
Rúben Mendes

801 A Sacralização da Água no Norte Português: As Ninfas como Agentes Tutelares das Termas Romanas
Patrícia Miranda / Rita Assunção

813 Três termas da Lusitânia. Análise tipo-morfológica das termas de Condeixa-a-Velha, Évora e Lisboa
Pedro Vasco Martins

829 Demografia na Lusitânia Romana: o contributo epigráfico para o estudo da estrutura e da mobilidade populacional
Lívia Silva Spinacé

839 (Re)colher o colhido: da amostragem ao estudo arqueobotânico na Cividade de Bagunte
Catarina Magalhães / João Pedro Tereso / Cláudia Oliveira / Luís Seabra / Pedro Brochado de Almeida / Ana Rita Filipe

861 Matas, matos, pomares e searas na Conimbriga alto-imperial: evidências arqueobotânicas das intervenções no Vale Norte
João Pedro Tereso / Cláudia Oliveira / Luís Seabra / Virgílio Hipólito Correia / José Ruivo / Vítor Dias / Ricardo Costeira da Silva

875 Um depósito faunístico num tanque do vale norte de Conímbriga: contributos zooarqueológicos para a interpretação de um novo edifício (século IV/V)
Patrícia Aleixo / Cleia Detry / Virgílio Hipólito Correia / José da Silva Ruivo / Vítor Silva Dias / Ricardo Costeira da Silva

887 O papel das Aves na Lusitânia Romana: Das fontes clássicas aos dados zooarqueológicos
Ana Beatriz Santos / Patrícia Aleixo

901 A Fábrica Romana de Salga de Peixe de Cacilhas (Almada)
Telmo António / João Santos / Jorge Almeida / Sérgio Rosa

915 Produção piscícola na cetaria VII da Fábrica Romana de Cacilhas (Almada, Portugal): evidência zooarqueológicos e datação por radiocarbono
Sónia Gabriel / Telmo António / Ana Maria Costa

927 Para além das moedas: novas leituras do tesouro da Chaira (Vinhais) através do estudo do recipiente cerâmico
César Oliveira / Jorge Costa / Fabio Sitzia

937 Uma análise da Cerâmica Romana da Oficina de Vidro dos CTT, em Braga – Portugal
Maria Alexandra de Sousa / Jorge Manuel Ribeiro / Cristina Braga

947 Dinâmicas de consumo em *Bracara Augusta*: o que revela a cerâmica da zona arqueológica das Antigas Cavalariças (Braga)
Eduardo Alves / Fernanda Magalhães

957 Cultura material e práticas de consumo em *Bracara Augusta*: estudo preliminar do espólio cerâmico do Largo Carlos Amarante, n.os 1–3 (Braga, Portugal)
Cláudia Antunes / Luís Silva / Letícia Ruela / Fernanda Magalhães / Maria do Carmo Ribeiro / Eduardo Alves

967 Contributo para o estudo da ocupação romana entre os rios Douro e Ave: os recipientes de armazenamento de tipo *dolia* do sítio do Barroso (Nogueira e Silva Escura, Maia)
Pedro Pereira / André Tomé

977 A cerâmica comum na estação viária de Eira Velha (Miranda do Corvo)
Ricardo Costeira da Silva / Inês Rasteiro / Sara Almeida

989 *Sigillata* e cerâmica comum romana da Rua Augusta/1988: uma página singular da história da arqueologia de Lisboa
Rodrigo Banha da Silva

1001 Os materiais de construção cerâmicos de época romana do Museu Nacional de Arqueologia: o caso da *Villa* Romana de Santa Vitória do Ameixial (Estremoz)
Inês Rasteiro

1013 Calçar a eternidade: os calçados em contextos funerários de *Bracara*
João Fernandes / Diego Machado / Jorge Ribeiro

1023 A olaria e a necrópole romana da Parvoíce (Alcácer do Sal): dinâmicas de ocupação e reutilização de um espaço periurbano de *Salacia* entre o Neolítico e o Alto Império
Paula Pereira / Camila Lacueva / Tiago do Pereiro / José Carvalho / Cheila Ribeiro / Sofia Nogueira / Lucy Shaw Evangelista / Tiago Nunes

1037 Santuário da Nossa Senhora da Lapa, Sernancelhe: Escultura feminina da época romana do tipo Artemísia do Mausoléu de Halicarnasso
Luís Jorge Gonçalves / Mila Simões de Abreu / Cláudia Matos Pereira / Ana Nunes

1047 Dados Romanos em Portugal: inventariação de objetos lúdicos em coleções museológicas
Alexandra Vieira

1059 Bens móveis arqueológicos de interesse nacional ou "Tesouros Nacionais": o caso do acervo de cronologia romana
Patrícia Brum

4. Época Medieval

1073 Arquitetura e paisagem: proposta metodológica para o estudo do Castelo de Monforte de Rio Livre
Maria Eduarda Fernandes Chaves / Maria do Carmo Ribeiro / Rebeca Blanco-Rotea / Emilio Abad Vidal

1085 A cerâmica tardo-medieval de Braga: entre a herança e a inovação
Diego Machado / Manuela Martins

1099 Os mosteiros bracarenses na Idade Média: uma aproximação da Arqueologia da Paisagem
Francisco Andrade

1109 As Moedas de Bolhão do Conjunto Numismático do Mosteiro de São João de Tarouca: Análises por Florescência de Raios X
Inês Guedes

1119 Estratificação social e circulação monetária nos finais da Idade Média: contributo para o estudo das moedas de Braga
Maria da Conceição Silva / Diego Machado / Jorge Ribeiro

1129 Os cacos do quotidiano na história da ocupação medieval de Aveiro
Susana Temudo

1145 Banhos de Purificação Judaicos | MIKVEH de Coimbra. A evidência arqueológica da presença judaica em Coimbra
Raquel Santos

1157 Muralhas sobre muralhas: evolução do sistema defensivo do Morro do Castelo de Abrantes da Idade do Bronze Final à Baixa Idade Média
Gustavo Portocarrero

1169 Muralha Fernandina. Uma memória no Miradouro da Graça. Lisboa
Rui Pinheiro

1181 Economia urbana e sistemas alimentares em Almada na Baixa Idade Média: zooarqueologia e salvaguarda patrimonial na Rua Rodrigues Freitas, n.º 18-20
Eva Pires / Sérgio Rosa / Beatriz Calapez Santos / André Teixeira

1197 Uma necrópole ao Sul do Cávado: dados preliminares da intervenção arqueológica e bioantropológica efetuada na antiga Igreja de Paradela – Barcelos (séculos XII-XX)
Sandra Assis / Linda Melo / Francisca Alves-Cardoso / Cláudio Brochado

1207 O edifício da *Trancoso Invest*: principais resultados e conclusões da intervenção arqueológica
João Carlos Lobão / Maria do Céu Ferreira / Inês Batista / Inês Fernandes

1219 Uma inumação infantil medieval com esporas em Santa Clara-a-Velha (Coimbra): contexto arqueológico, análise antropológica e enquadramento cronológico
Mónica Corga/ Maria Teresa Ferreira / Isabel Feijão

1233 Ritual e comunidade: a vida e a morte na mouraria da Lisboa medieval cristã – dados antropológicosda Rua dos Lagares 54-66
Cláudia Maio / Tiago Nunes / Lucy Shaw Evangelista / Sofia Nogueira / Manuel Fialho Silva

1245 Vida e morte na Lisboa medieval: as necrópoles das minorias religiosas da encosta de São Gens
Lucy Shaw Evangelista / Manuel Fialho Silva / Anabela Castro / Marina Lourenço / Filipe Ribeiro / Tiago Nunes

1255 Rituais que Revelam Identidades: Contextos Funerários de uma Necrópole Medieval da Mouraria de Lisboa
Anabela Castro / Susana J. Garcia

5. Época Moderna

1275 Casa Conde Vilas Boas (Barcelos, Portugal) – apresentação dos primeiros resultados das intervenções arqueológicas
Joana Pereira / Lia Carvalho / Cláudio Brochado

1289 Marcas de caráter religioso gravadas em habitações de Idade Moderna na Beira Interior: revisão de uma problemática em torno de judeus e cristãos-novos
Pedro Mendes

1303 Casa das Talhas: Um verdadeiro palimpsesto na malha urbana da Alta de Coimbra. Evidências arqueológicas de longa diacronia
Raquel Santos / Sérgio Madeira

1313 Ocupação e transformação nas habitações da Rua da Fonte, n.º 2, 6 e 8, e na Casa dos Arcos em Odivelas. Contributos da arqueologia de salvaguarda junto à cerca do mosteiro de São Dinis e São Bernardo
Miguel Martins de Sousa / António M. de Azevedo / Adriana Gomes / Richard Peace

1327 Sondagens de diagnóstico nos edifícios classificados do Mosteiro de Odivelas: da Arqueologia Preventiva à Vida Monástica
Regis Barbosa / Elisabete Conceição / André Jerónimo Pereira

1339 Trabalhos Arqueológicos no Mosteiro de Odivelas – Dinâmicas de Ocupação e Reconfiguração do Espaço
Rui Ribolhos / Beatriz Correia Barata

1355 Ribeira das naus: um porto escondido
Inês Mendes da Silva

1367 A igreja e o hospital da Misericórdia da Ribeira Grande de Santiago, Cabo Verde: da arqueologia preventiva à valorização patrimonial
André Teixeira / Nireide Tavares / Beatriz Calapez Santos / Fábio Jaulino / Jaylson Monteiro / José Lima

1381 Banco de Portugal: uma perspectiva diacrónica dos restos faunísticos desde o período Romano ao período Moderno
Cleia Detry / Ana Beatriz Santos / Artur Rocha

1395 O que os olhos não veem: Plantas exóticas na Lisboa moderna e o contributo da arqueobotânica para a arqueologia urbana
Mariana Costa Rodrigues / José António Bettencourt / João Pedro Tereso / Dulce Freire

1409 Produção, circulação e consumo de recipientes cerâmicos na Braga moderna: contributo a partir da leitura estratigráfica e análise química
Lara Fernandes / Maria do Carmo Ribeiro / Fernando Castro / Tiago Teixeira

1425 Cerâmica moderna em contexto urbano: o estudo da intervenção arqueológica na Rua Nossa Senhora do Leite, n.os 8–10 (Braga)
Lara Fernandes / Fernanda Magalhães / Maria do Carmo Ribeiro / Letícia Ruela / Luís Silva / Eduardo Alves / Cláudia Antunes

1437 Um conjunto de cerâmica descartada das olarias da zona oriental da cidade – Rua Particular à Rua Manuel Soares Guedes, Lisboa
Luísa Batalha / Raquel Santos / João Damásio / Vítor Frazão / Guilherme Cardoso

1453 Grafia e desenho sobre chacota de faiança: Evidências da Rua Damasceno Monteiro (Lisboa)
Filipe Santos Oliveira / Rodrigo Banha da Silva

1467 Louça de um contexto de meados do século XVII de Ponta Delgada: abastecimento e consumo
João Gonçalves Araújo

1485 Calçar e descalçar *pantufos*: contributos para uma Arqueologia do calçado em Portugal (séculos XV-XVI)
Inês Moreira Rato / Miguel Carvalho / Carla Alferes Pinto / Ana Catarina Garcia

1499 Perdidos e achados. Artefactos em osso e marfim de Idade Moderna descobertos em Lisboa (Portugal)
Carlos Boavida

1513 A face oculta. Um caso de estudo de reutilização de azulejos em Lisboa
Mariana Almeida / Vasco Vieira / José Pedro Henriques / Tiago Pereira / Vanessa Filipe

1521 Um Santo António sobre vidro – um exemplo da indústria vidreira portuguesa (?)
Ines Coutinho/ Rodrigo Banha da Silva / Vanessa Otero / Filipe Santos Oliveira

1533 O vidro de botica no século XVIII: recipientes e utensílios provenientes da copa do Palácio dos Marqueses de Marialva (Lisboa)
Miguel Carvalho

1549 Estudo Arqueométrico de vidros, dos inícios da Idade Moderna, da Zona da Arrochela (Silves, Sul de Portugal)
Dana Rohanová / Sylwia Siemianowska / Rosa Varela Gomes / Mário Varela Gomes

1561 Contas de vidro do tipo *chevron* ou *rosetta*. Novos contributos do litoral de Angola e Lisboa (Convento de Santana)
Sylwia Siemianowska / Dana Rohanova / Rosa Varela Gomes / Mário Varela Gomes

1581 Selos metálicos alfandegários da região de Tavira (Séculos XV-XIX): caracterização morfológica e funcional
Ana Manzi / João Pedro Bernardes

1593 A evolução da sonda náutica desde a Época Romana até ao Século XVIII: o caso de estudo do Barlavento Algarvio
Maria Paula de Carvalho Silva / Gonçalo C. Lopes

1603 O Mosteiro de Santa Maria de Seiça: um contexto monacal e funerário entre os séculos XV a XIX
João Abrantes / Liliana Matias de Carvalho / Sofia N. Wasterlain

1615 O Adro da Sé de Aveiro: Ocupação Funerária do Espaço Conventual em Época Moderna
Sofia Nogueira / Lucy Shaw Evangelista / Andreia Lourenço

1629 Memórias gravadas nos ossos: evidências funerárias do Convento de Santo André (Vila Franca do Campo, São Miguel)
Daniela Cabral / Sofia N. Wasterlain / Maria Teresa Ferreira

1639 Cultura material e a construção da imagem da infância: entre a interpretação arqueológica e autoria das crianças
Dhemy Brito

1647 Os portugueses e as primeiras notícias sobre arte rupestre no Brasil
Mila Simões de Abreu / Suely Amâncio Martinelli / Carlos Alberto Etchevarne

6. Época Contemporânea

1663 A paisagem agrária do Extremo (Arcos de Valdevez) entre os séculos XVII e XIX: uma leitura arqueológica
Clara Andreia Lemos / Rebeca Blanco Rotea / Francisco Azevedo Mendes

1675 Da saboaria à residência universitária: arqueologia industrial e memória urbana na antiga Fábrica Confiança (Braga)
Maria do Carmo Ribeiro / Fernanda Magalhães / Letícia Ruela / Luís Silva / Lara Fernandes / Inês Silva / Cláudia Antunes / Eduardo Alves / Eduarda Chaves

1687 Os Rostos da Cólera: intervenção da Biblioteca Pública Municipal do Porto (2024 – 2025)
Sofia Nogueira / José Carvalho / Lucy Shaw Evangelista / Sérgio Amorim / Francisco Raimundo

1703 O telégrafo da Branca (Albergaria-a-Velha) revelado pela arqueologia e a telegrafia ótica oitocentista entre os rios Vouga e Douro
António Manuel S. P. Silva / Sara Almeida e Silva / Paulo A. P. Lemos / Hugo Aluai Sampaio

1721 Salinas da Figueira da Foz: proposta metodológica para o seu estudo arqueológico
Natália Quitério

1729 Salvaguarda do património naval tradicional: o Varino Amoroso no Estaleiro Naval Jaime Ferreira da Costa & Irmão, Lda.
Patrícia Alexandra Luís da Silva

1743 Um complexo molinológico no Rio Vascão. Um caso prático
Rodrigo Teixeira

1751 O cemitério de Santo Ildefonso (Porto): o contributo da Arqueotanatologia para o estudo das práticas funerárias no início do liberalismo em Portugal em tempos de cerco, fome e cólera
Maria João Neves / Maria Teresa Ferreira

1765 Redescobrir o Cemitério Civil do Alto do Lombo (Cascais, 1876–1892)
Nuno F. Poínhas Pires / Liliana Matias de Carvalho / Rute Rua

7. Arqueologia Pública, Comunicação e Didáctica

1779 Arqueologia e Sociedade: 3 projetos, 3 encontros e 6 ideias para o futuro
Sara Cura / Susana Nunes / Eduardo Porfírio / Miguel Serra

1791 Do Objeto ao Público: Mediação Cultural e Acesso Digital ao Património Arqueológico
Isla Torres / Fernanda Magalhães

1801 Visitas orientadas a museus com coleções de arqueologia: entre teoria e prática
Elsa Luís / João Valente

1813 Comunicar a Pré-história: contributos para estratégias de comunicação das coleções do Neolítico e do Calcolítico do MNA
Carine de Souza

1823 Entre a Idade do Ferro e Roma: Mediação Digital do Património Arqueológico em Contexto Museológico
Isla Torres / Fernanda Magalhães

1837 ArqueoLoci: da fragmentação à governança colaborativa no turismo arqueológico em Portugal
Sandra Naldinho / Alexandra Vieira / Miguel Serra / Sofia Fonseca

1849 Para além da Transmissão: Escuta, Participação e Co-construção de Conhecimento com Crianças em Projetos de Educação Patrimonial
Dhemy Brito / Fernanda Magalhães / Carlos Campos / José Gabriel Andrade

1861 *ARQUEOLAB: No rasto das migrações*: Comunicar e aprender através do jogo em Arqueologia
Ana Vale / Andreia Arezes / César Guedes / Susana Nunes

1873 O Passado como Bem Comum: Arqueologia, Identidade e Sociedade em Braga
Mafalda R. Lima Faria / Fernanda Magalhães

1881 Ruínas e Oportunidades para Empresas e Marcas: O Caso de Braga
José Gabriel Andrade

1891 Passeios Arqueológicos no Centro Histórico de Coimbra
Sérgio Pedro Freitas Madeira / Ana Sofia dos Santos Gervásio / Clara Isabel Almeida S. e Oliveira / Sílvia Raquel Ribeiro dos Santos

1903 Almada, um caso de estudo na relação arqueologia-museu-comunidade
João Valente / Elsa Luís / Jorge Almeida / Telmo António / Fernando Henriques / Ana Olaio / Sérgio Rosa / João Santos

1917 Desafio da integração comunitária: o caso das Ruínas Romanas de Milreu (Estoi, Faro)
Fernando Rodrigues de Jácomo

1929 Oficinas Pedagógicas de Arqueologia (OPA's) – Um programa de Educação Patrimonial na Madeira
Joana Santos /Marco Freitas / Giulia Monjardim

1941 Projecto *Blue Voices*: divulgar o Património Cultural Subaquático nas escolas através de actividades didácticas
Gonçalo C. Lopes / Joana Baço

8. Teoria, Metodologia e Historiografia

1957 A Sociedade Martins Sarmento e a internacionalização da arqueologia em Portugal: a *brigada inglesa* através da *Revista de Guimarães*
Ana Cristina Martins

1975 Susana em Miróbriga – uma encruzilhada de afetos
Manuela de Deus / Florbela Costa / Perpétua Guerreiro / Luís Cruz / Isabel Magalhães / Sérgio Pereira Bento / Ascensão Reis

1987 Dos artefactos às ideias: quatro décadas de teoria arqueológica em Portugal
Joana Valdez-Tullett / Sofia Figueiredo-Persson / João Muralha

1997 A arqueologia e a causa independentista açoriana
José Luís Neto / André Donas-Botto / Pedro Parreira

2011 50 Camadas de uma Revolução: ensaio de uma matriz estratigráfica
Cristina Gameiro / Sérgio Gomes / Daniel Carvalho / Sara Cura / Miguel Almeida / Thierry Aubry / Jacinta Bugalhão / Rui Gomes Coelho / Luís Luís / André Santos / Sara Simões / Ana Vale

2025 Ensaio sobre os programas políticos para a arqueologia nacional (eleições legislativas de 2025)
Pedro Parreira / André Donas-Botto / José Luís Neto

2031 Sob a Superfície: Saúde, Segurança e Risco na Prática Arqueológica
Liliana Matias de Carvalho / Mauro Correia / Raquel Gonzaga / Sónia Gabriel / Regis Barbosa

2043 Análise de Género da Pré-História nos Manuais Escolares
Giuliana Solbiati

2049 Arquitetura, gênero e controle do olhar: práticas de visibilidade no teatro romano de *Bracara Augusta*
Thiago Pires / Fernanda Magalhães

2057 Para além do "Ossário": Desafios Interpretativos e Proposta de um *Workflow* para a Classificação de Deposições Secundárias
Zélia Rodrigues / Anne Malcherek / Vitor Fonseca / Francisca Alves Cardoso

2071 Arqueobotânica e a Arqueologia de Salvaguarda no Algarve: a prática metodológica nos concelhos de Silves e Loulé entre 2001 e 2017
Maria Igreja Cravo / Roxane Matias / Patrícia Diogo Monteiro

2081 Arqueologia de uma disciplina: aparecimento e consolidação da Arqueogeografia (*Archéogéographie*) e uma breve reflexão sobre esta disciplina na arqueologia portuguesa
Bruno Freitas / André Donas-Botto

2091 Modelação Espacial de Sensibilidade Arqueológica com IA, SIG e Derivados *LiDAR*
João António Ferreira Marques / Jacinto Estima / Vanessa Antunes

2101 Deteção Remota e Tecnologias Geoespaciais Aplicadas à Identificação de Potencial Arqueológico na Serra de Montejunto (Portugal)
Vanessa Antunes / Telmo Pereira / João Fonte / Emanuel Carvalho / João Marques

2115 Entre o registo e a preservação: a fotogrametria na arqueologia urbana de Braga
Luís Silva / Letícia Ruela / Fernanda Magalhães / Maria do Carmo Ribeiro

2127 Stone Stories: ensaio sobre três placas gravadas do Vale do Sabor na *Deep History*
Sofia Figueiredo-Persson

2141 Sem contexto, sem memória? O caso de uma placa de xisto gravada da Pré-história Recente atribuída a Benagazil (Torrão, Alcácer do Sal)
Ana Amor Santos

9. Gestão, Valorização e Salvaguarda

2153 A salvaguarda do Património Arqueológico nos Planos Municipais de Ordenamento do Território: o Plano Diretor Municipal
Sandra Lourenço

2163 A Arqueologia nos Municípios, uma primeira e limitada tentativa de caracterização
João Tiago Tavares

2175 Da escavação à gestão patrimonial: arqueologia urbana e valorização do património urbano em Braga (2022-2025)
Fernanda Magalhães / Maria do Carmo Ribeiro / Letícia Ruela / Luís Silva / Lara Fernandes / Cláudia Antunes / Eduardo Alves / Eduarda Chaves / Eurico Machado

2189 Intervenção de conservação e restauro nos painéis de azulejos enxaquetados da "Casa das Talhas"
Filipa Formigo / Raquel Santos

2199 Mapas que ganham vida – a carta arqueológica da Lourinhã e o papel da comunidade na identificação e protecção do (seu) património arqueológico
José Cruz / Fernando António Baptista Pereira / Vanessa Antunes / César Neves / João Leitão

2211 Do *locus sacer* romano à vigilância da costa. História, investigação e valorização do sítio arqueológico do Alto da Vigia
Alexandre Gonçalves

2227 Quando a areia (des)aparece: desafios na gestão do património cultural marítimo de Cascais
Cristóvão Fonseca / Pedro Caleja / António Fialho / Sónia Rodrigues Sousa / Severino Rodrigues / Jorge Freire

2245 Arqueologia e Cidade: O Futuro da Salvaguarda em Lisboa
António Marques / Nuno Ferreira / Vasco Leitão

2255 Património arqueológico e ordenamento do território na Área Metropolitana de Lisboa: reflexões no âmbito da arqueologia municipal
Sérgio Rosa / Rodrigo Banha da Silva / André Teixeira

2267 MUSA – Um projecto de valorização do património cultural subaquático do Rio Arade
Vera Teixeira de Freitas / Pedro Barros / José Bettencourt / Cristóvão Fonseca / Gonçalo Correia Lopes / Frederico Tatá / Andreia Romão / Helena Valtierra

2277 *Arquivo da Arqueologia Portuguesa, Endovélico e Portal do Arqueólogo*: instrumentos de gestão pública do Património Arqueológico e da Actividade Arqueológica
Jacinta Bugalhão

2291 Rede Nacional de Reservas de Espólio Arqueológico
Ana Sofia Gomes / Jacinta Bugalhão / Filipa Bragança

2307 Geoportal único do Património Cultural
Filipa Bragança / Pedro Barros / Anouk Faria da Costa

2319 FAQ: PATA, PA e RTA
Miguel Bernardo / Inês Belém / André Texugo / Rodolfo Ferreira / Filipa Bragança / Ana Sofia Antunes / Ana Sofia Gomes / Jacinta Bugalhão

2333 O ICOMOS – ICAHM Portugal (Desde 2026)
Patrícia Brum / Orlando Sousa / Mariana Nabais

2339 Incêndios Florestais e Património Arqueológico: Impactos, Vulnerabilidades e Estratégias de Mitigação
Vanessa Cardoso Antunes / Paulo Roberto Regato Filho

2349 Entre a Revelação e a Perda: o paradoxo da arqueologia na agricultura intensiva do Baixo Alentejo
André Donas-Botto / Álvaro Ferreira / Andreia Rosa / Fábio M. Vivas / Gonçalo Paulos do Nascimento / Margarida M. de S. Rodrigues / Rute Silva / Pedro Amaral / Victor Silva

2359 O processo judicial relativo ao episódio de vandalismo na Rocha 2 da Ribeira de Piscos, 2017, Vale do Coa: Perpetradores confessos, dolo não provado...
António Batarda Fernandes

2373 A Numária da Monarquia Portuguesa: Contributo do Projeto AFONSO para a elaboração de um Catálogo Numismático Digital
Rui M. S. Centeno / Alice Baeta / Paulo César do Carmo

2383 ARQUEOLit – uma litoteca geoarqueológica
Patrícia Jordão / Sofia Soares

2389 Construção de Património: o papel dos museus na valorização da faiança portuguesa
Filipa Vilão

Prefácio

No âmbito das comemorações dos 150 anos de existência da Associação dos Arqueólogos Portugueses (AAP), a Direcção decidiu, em 2013, organizar um Congresso que permitisse às novas gerações de arqueólogos, a maior parte dos quais iniciaram a sua carreira já no século XXI, apresentar publicamente os resultados da sua actividade, e discuti-los com a comunidade arqueológica. Pretende-se assim contribuir para um frutuoso diálogo intergeracional e uma transmissão de conhecimentos, conceitos, métodos e práticas, essenciais para fazer face aos enormes desafios que se colocam aos arqueólogos, num mundo em constante mudança, em que o património arqueológico está a ser cada vez mais ameaçado por grandes projectos públicos e privados.

Nos últimos 25 anos, em grande parte devido ao impacto público da questão das gravuras de Foz Côa, verificou-se um crescimento exponencial da actividade arqueológica, assente em três pilares fundamentais: a formação académica, com a criação de licenciaturas, mestrados e doutoramentos em Arqueologia em quase todas as universidades do país, a criação de legislação específica para o património arqueológico, e de organismos públicos vocacionados para a sua gestão. Neste contexto, entendeu a Direcção da AAP que a sua acção se devia centrar mais no apoio à divulgação do trabalho dos arqueólogos, através da actividade regular das suas secções e comissões especializadas e da organização de colóquios sobre temas específicos.

Tendo-se verificado, porém, a necessidade de iniciativas susceptíveis de congregar toda a comunidade arqueológica, a nível nacional, decidiu-se dar continuidade ao I Congresso da Associação dos Arqueólogos Portugueses, organizando o II Congresso em Lisboa, em 2017, em colaboração com a Faculdade de Letras e a Universidade Nova, procurando, ao mesmo tempo, descentralizar esta iniciativa, realizando em 2020 o III Congresso, em colaboração com a Universidade do Porto (o qual devido à pandemia não pôde ser presencial, o que muito lamentamos), o IV em colaboração com a Universidade de Coimbra, e agora o V, em colaboração com a Universidade do Minho.

Neste volume apresentam-se, assim, as comunicações e "posters" que serão apresentados ao V Congresso da Associação dos Arqueólogos Portugueses, que decorrerá de 18 a 21 de Novembro de 2026 na Universidade do Minho, com o apoio das seguintes instituições: Lab2PT – Laboratório de Paisagens, Património e Território; IN2PAST; Câmara Municipal de Braga; Museu de Arqueologia Dom Diogo de Sousa; Sociedade Martins Sarmento; Câmara Municipal de Guimarães e União das Freguesias de Briteiros São Salvador e Briteiros Santa Leocádia.

Tal como os anteriores congressos organizados pela AAP, este suscitou o maior interesse junto da comunidade arqueológica, contando com um total de 191 apresentações (116 Comunicações e 75 Posters), de 397 autores, que foram agrupadas nos seguintes nove blocos temáticos: 1. Pré-História; 2. Proto-História; 3. Antiguidade Clássica e Tardia; 4. Época Medieval; 5. Época Moderna; 6. Época Contemporânea; 7. Arqueologia Pública, Comunicação e Didática; 8. Teoria, Metodologia e Historiografia; 9. Gestão, Valorização e Salvaguarda.

À semelhança dos anteriores congressos da AAP, só se aceitaram comunicações e posters entregues dentro dos prazos estabelecidos, abrangendo as Actas um total de c.2.400 páginas, que serão disponibilizadas aos congressistas e a todos os interessados através dos sites da AAP e da Universidade do Minho, de acordo com os pressupostos da Ciência Aberta e da "Ciência Cidadã", tornando a partilha do conhecimento verdadeiramente efectiva.

Durante o Congresso estão ainda programadas as seguintes visitas: Museu Dom Diogo de Sousa; Ruínas Romanas das Carvalheiras; Citânia de Briteiros; Museu da Cultura Castreja, permitindo aos congressistas conhecerem *in loco* os trabalhos mais recentes realizados nos sítios arqueológicos mais emblemáticos do Minho, no ano em que se assinalam os 50 anos da criação do Campo Arqueológico de Bracara Augusta, instituição que se encontra na génese da arqueologia bracarense.

A realização deste Congresso não teria sido possível sem o apoio incondicional das Professoras Doutoras Fernanda Magalhães e Maria do Carmo Ribeiro, da Universidade do Minho, que acolheram esta iniciativa desde a primeira hora, dos membros da Comissão Científica e da Comissão Executiva, e sobretudo sem o empenho, dedicação e profissionalismo dos nossos consócios César Neves e Patrícia Jordão, assim como do designer Paulo Freitas, a quem manifestamos aqui o nosso profundo agradecimento.

José Morais Arnaud
(Presidente da Direcção da Associação dos Arqueólogos Portugueses)

ARQUEOLAB: NO RASTO DAS MIGRAÇÕES: COMUNICAR E APRENDER ATRAVÉS DO JOGO EM ARQUEOLOGIA

Ana Vale[1], Andreia Arezes[2], César Guedes[3], Susana Nunes[4]

RESUMO

Este texto apresenta a atividade *ARQUEOLAB: No rasto das migrações,* integrada na Noite Europeia dos Investigadores 2025, no âmbito do projeto EU-EMBRACES. *Empowering Minds: Boosting Research in Citizen Engagement and Schools.* A experiência convidou o público a envolver-se no processo científico em Arqueologia, da escavação ao registo e análise, refletindo sobre a circulação de pessoas, animais, artefactos e espécies vegetais ao longo da (pré)história, e foi concebida para refletir, de forma lúdica, sobre as ligações entre passado e presente. No final, cada participante foi convidado a preencher um pequeno inquérito, cujos resultados serão aqui analisados, de forma a aferir o potencial impacto da atividade.

Palavras-chave: Comunicação de ciência; Noite Europeia dos Investigadores; Aprendizagem não formal; Atividades lúdicas de aprendizagem.

ABSTRACT

This paper presents the activity *ARQUEOLAB: Tracing Migrations*, created for the European Researchers' Night 2025 within the framework of the *EU-EMBRACES – Empowering Minds: Boosting Research in Citizen Engagement and Schools* project. The activity invited participants to engage with the scientific process in Archaeology, from excavation to recording techniques and material culture analysis, while reflecting on the movement of people, animals, artefacts, and plants throughout (pre)history. It was designed as an interactive and engaging experience that encourages reflection on the connections between past and present. At the end, each participant was invited to complete a short questionnaire, the results of which will be analysed to assess the activity's potential impact.

Keywords: Science communication; European Researchers' Night; Non-formal learning; Play-based learning activities.

1. INTRODUÇÃO – O CONTEXTO DA ATIVIDADE

A Noite Europeia dos Investigadores, promovida e financiada pelo programa europeu Marie Skłodowska-Curie and Citizens e organizada nos Estados-membros da União Europeia e nos países associados do Horizonte Europa, pretende aproximar a ciência dos cidadãos. Anualmente, os investigadores são convidados a abrir os seus espaços de trabalho e partilhar o que fazem e como o fazem com os diversos públicos[5]. Desta forma, espera-se despertar para a impor-

1. CITCEM – Faculdade de Letras, Universidade do Porto / avale@letras.up.pt

2. CITCEM – Faculdade de Letras, Universidade do Porto / aarezes@letras.up.pt

3. CITCEM – Faculdade de Letras, Universidade do Porto / Bolseiro de Doutoramento, financiado pela FCT – Fundação para a Ciencia e Tecnologia, bolsa referência 2024.00692.BD, DOI: https://doi.org/10.54499/2024.00692.BD.; ao abrigo do PDQI – Programa Demografia, Qualificacoes e Inclusao, Pessoas 2030, Fundo Social Europeu Mais (FSE+), Governo de Portugal / cesarlguedes@gmail.com

4. Palimpsesto, Estudo e Preservação do Património Cultural / susananunes@palimpsesto.pt

5. A Noite Europeia dos Investigadores em que o ARQUEOLAB participou decorreu no dia 26 de setembro de 2025, no I3S (Universidade do Porto).

tância e benefícios da investigação na vida dos cidadãos e atrair a atenção dos mais jovens para a ciência e para as carreiras científicas (Marie Skłodowska-Curie Actions, s./d.). Este programa de comunicação encontra-se alinhado com a estratégia europeia de sensibilização e aproximação dos públicos à ciência (European Research Area, s./d.) e aproxima-se do princípio da democracia cultural enunciado na Carta de Porto Santo (2021). À luz deste princípio, todos são chamados a participar e a comprometer-se no reconhecimento das práticas culturais (ibid.:6). Por seu turno, as organizações educativas devem abrir-se e desmistificar as práticas e técnicas da investigação e "comunicar os resultados dos projetos e processos de democracia cultural para dinamizar a disseminação de boas práticas, inspirando as pessoas e mobilizando as instituições." (ibid:14).

A comunicação de ciência em Arqueologia em Portugal encontra-se ainda numa fase inicial de formalização e definição (ver projeto "Comunicar Arqueologia", de Sara Cura, s./d.), embora existam ensaios anteriores (e.g. Diniz, 2008; Jorge, 2005; Valera, 2008) e diversas iniciativas de Arqueologia Pública de grande impacto educativo e social junto de comunidades não académicas como por exemplo, no contexto de museus (e.g. "Um dia na Pré-história" dinamizado no sítio de Alcalar pelo Museu de Portimão), integradas em projetos de investigação com escavação de sítios arqueológicos (e.g. Quirino *et al.*, 2023) e em empresas de arqueologia (e.g. Serra, 2015; iniciativa "1 minuto ERA", pela ERA Arqueologia). Paralelamente, apesar de a divulgação pública dos resultados científicos constituir um requisito previsto nos Projetos de Investigação Plurianuais em Arqueologia (PIPAs) e nos Pedidos de Autorização de Trabalhos Arqueológicos (PATAs), conforme estabelecido pelo Regulamento dos Trabalhos Arqueológicos (Decreto-Lei n.º 164/2014) (artigos 7.º, 10.º, 15.º e 17.º), as ações de comunicação de ciência continuam, em larga medida, a desenvolver-se de forma dispersa e pouco estruturada. Com efeito, não existem orientações específicas nem critérios de boas práticas que enquadrem estas atividades, sendo muitas delas promovidas por iniciativa individual e assentes em trabalho voluntário (Sousa, 2015).

A formação especializada em comunicação de ciência aplicada à Arqueologia é igualmente muito limitada em Portugal. Destacam-se, como exceções, as iniciativas dinamizadas por Sara Cura, nomeadamente o curso "Escrita de divulgação em Arqueologia" (junho de 2026), bem como a integração progressiva desta temática na oferta formativa de alguns cursos de Arqueologia. É o caso da unidade curricular Arqueologia e Gestão do Património, da Licenciatura em Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto (FLUP), lecionada por um de nós (AV), na qual a comunicação de ciência começa a ser abordada no contexto da gestão e valorização do património arqueológico.

O ARQUEOLAB surge, assim, num quadro internacional de dinamização da comunicação de ciência, especificamente na Noite dos Investigadores, e no contexto da realidade da arqueologia portuguesa nesta matéria. O ARQUEOLAB concretizou-se através de uma parceria entre uma unidade de investigação, o CITCEM – Centro de Investigação Transdisciplinar Cultura, Espaço e Memória, sediada na FLUP, e uma empresa de arqueologia, a Palimpsesto – Estudo e Preservação do Património Cultural. Na unidade de investigação CITCEM, e em entrosamento com o curso de 1.º ciclo em Arqueologia da FLUP, foram elaborados materiais de divulgação da área disciplinar de Arqueologia dirigidos a potenciais estudantes; a Palimpsesto, por seu turno, através do departamento de Educação Patrimonial, articulou as ações de sensibilização e promoção da prática arqueológica e do património arqueológico em curso (Nunes, 2026) com a iniciativa. Estas duas valências foram ativadas no ARQUEOLAB e permitiram a criação de outros materiais de comunicação, que apresentaremos a seguir. Este exercício de comunicação de ciência colocou-nos perante a complexidade do processo interpretativo em Arqueologia e confrontou-nos com a densidade e as problemáticas da definição da disciplina.

2. O ARQUEOLAB

2.1. Objetivos

Integrado no projeto EU-EMBRACES. *Empowering Minds: Boosting Research in Citizen Engagement and Schools*, e respondendo especificamente ao objetivo de dar "particular importância às novas gerações e a comunidades de meios socioeconómicos desfavorecidos e minorias étnicas" (Noite Europeia dos Investigadores, s.d.), o ARQUEOLAB acolheu como tema principal as migrações e mobilidades na longa diacronia. Considerando que a ciência não é neutra e que o discurso arqueológico é sempre politicamente comprometido (Robb 2005: p. 4), o ARQUEOLAB

definiu como um dos seus principais objetivos sensibilizar para a importância das migrações e da circulação de pessoas, animais, artefactos e ecofactos ao longo da história da humanidade. Mas não com o intuito de apresentar uma narrativa já acabada. No espírito da Noite Europeia dos Investigadores, tornou-se importante dar a conhecer como é que, em Arqueologia, se constroem as hipóteses interpretativas sobre o passado. Deste modo, o ARQUEOLAB norteou-se por três objetivos complementares: clarificar e reforçar a dimensão da Arqueologia como ciência; suscitar e promover a curiosidade por temas arqueológicos; e desmontar estereótipos – referentes à profissão de arqueólogo e aos agentes do passado.

2.2. Tema

Pessoas, animais, plantas e frutos, assim como os mais diversos tipos de matérias-primas e artefactos, sempre estiveram em movimento, viajando por distintas paisagens e cobrindo distâncias mais ou menos dilatadas do território. A circulação destes elementos, de forma limitada ou constituindo conjuntos, pode ser justificada em função de diferentes circunstâncias históricas e ambientais, ou de práticas económicas e sociais. A este respeito, poder-se-iam evocar, como exemplos de motivação para o movimento, as migrações humanas, fenómenos de transumância, intercâmbios de bens de prestígio, comércio de produtos alimentares, alianças militares ou matrimoniais, ou mesmo relações de dádiva. Em contexto de escavação, a aplicação dos métodos próprios da Arqueologia (David, 2006) permite identificar e contextualizar estruturas, objetos ou fragmentos, capazes de contar histórias sobre os trajetos seguidos pelos mais variados materiais, assim como por técnicas e tecnologias. De igual modo, também a origem de sementes e carvões, estudados pela Antracologia e pela Carpologia (ramos da Arqueobotânica), a par da dos restos osteológicos, humanos ou animais, passíveis de análise pela Antropologia física, Química ou Genética, pode ser aferida. O processo científico que envolve a exumação controlada de artefactos e ecofactos, a par do seu estudo por diversas áreas de saber, com as quais a Arqueologia se cruza, é passível de proporcionar a delineação de circuitos de mobilidade, atestar a integração de práticas, a introdução de cultivos ou a transformação da paisagem, em intervalos temporais definidos.

3. ESTRATÉGIAS E MATERIAIS

O ARQUEOLAB definiu como público-alvo principal os mais jovens. Atendendo às faixas etárias deste grupo foram desenhadas estratégias, materiais e conteúdos, em articulação com os programas escolares, com as referências do dia-a-dia que poderiam ser ativadas para a compreensão do discurso, e com o próprio espaço físico onde decorreu a atividade (**Figura 1**). As propostas foram concebidas para que os participantes pudessem percorrer três atividades, dispostas sequencialmente, de forma interativa, mexendo, experimentando, comentando, sempre em diálogo com os autores.

Não sendo o intuito este texto promover uma revisão ou reflexão sobre a aprendizagem, formal, não formal e informal, através da experiência em Arqueologia, tema já abordado, sobretudo em contexto internacional (e.g. Henderson & Levstik, 2016, Henson, 2017 ou Cobb & Croucher, 2014, para o ensino universitário), deve-se salientar que atendemos aos pressupostos da aprendizagem prática baseada em objetos e na interdependência entre prática arqueológica e produção de conhecimento arqueológico.

As atividades, com forte componente prática e lúdica, foram concebidas como estratégia de envolvimento dos participantes na exploração de conceitos e metodologias específicos da Arqueologia. Para o participante que quisesse saber mais, um QR Code[6] patente no passaporte direcionava-o para uma página do CITCEM preparada de raiz para o evento, onde os conceitos abordados eram desenvolvidos.

Cada atividade explorou uma dimensão específica da Arqueologia, que, embora pudesse ser realizada isoladamente, foi pensada como parte de um percurso em que cada etapa preparava a seguinte. Foram elaboradas 3 atividades, focadas em:

(i) Técnicas de campo e laboratório, centradas na descoberta e classificação de objetos arqueológicos;

(ii) Cronologia e prática, através da associação entre grandes períodos cronológicos, objetos e sítios arqueológicos;

(iii) Mobilidades, com a identificação, em base cartográfica, do local de proveniência de artefactos e ecofactos recolhidos em sítios arqueológicos portugueses.

6. https://citcem.org/eventos/noite-europeia-dos-investigadores-2025/.

Recorrendo ao potencial da Arqueologia para despertar a curiosidade dos participantes, procurou-se explorar conceitos como o tempo longo, a diversidade da experiência humana e suas expressões (sobretudo materiais) e a interpretação arqueológica. Simultaneamente, procurou-se desafiar possíveis preconceitos sobre a prática arqueológica e o próprio processo de construção do conhecimento, sublinhando a importância da precisão das técnicas de escavação, do contexto arqueológico e da análise rigorosa dos materiais.

Cada atividade/jogo foi acompanhado por um de nós, e a dificuldade do jogo, o enquadramento, a par da explicação da prática e dos conceitos arqueológicos a que se associava foram adaptados às diferentes faixas etárias e níveis de interesse.

3.1. Simulação de escavação arqueológica (técnicas de campo e laboratório)

Com esta atividade, pretendia-se abordar metodologias e técnicas próprias da Arqueologia, aplicadas quer em campo, quer no gabinete. Numa "caixa-sondagem" (**Figura 2**), que simulava uma escavação arqueológica, os participantes podiam escavar, desenhar e recolher objetos (ou parte deles), registando a sua proveniência (localização na quadrícula). Seguia-se a análise das características dos artefactos recolhidos, com ênfase na matéria-prima, estilo e fabrico, bem como a explicação de que todas essas características funcionam como pistas e contribuem para a atribuição de uma cronologia. A partir desta base, estabeleceu-se a ligação com a atividade seguinte[7].

3.2. Articulação entre períodos cronológicos, materiais e arquitetura

Nesta atividade propunha-se a articulação entre cronologias, materiais e sítios arqueológicos[8]. O participante era convidado a associar uma fotografia de um sítio arqueológico e de um objeto[9] a diferentes períodos cronológicos (**Figura 4**). O desafio mais premente era o de trabalhar a noção de tempo longo; no entanto, muitos dos participantes ativaram conhecimentos prévios, reconhecendo artefactos, como o biface, e associando-os à cronologia correta correspondente.

Na continuidade da atividade anterior, o mediador abordava os processos de classificação tipológica de materiais e de arquiteturas e procedia à atribuição de cronologias relativas. Em paralelo, e uma vez que se indicava a proveniência de alguns dos objetos apresentados, introduzia-se o tema das mobilidades, explorado na atividade seguinte.

3.3. Jogo de correspondências entre o local de proveniência e o local de achado: no rasto das migrações

A ideia central desta atividade era mostrar como a Arqueologia, através da aplicação de diferentes métodos, permite determinar a proveniência dos objetos recolhidos nas escavações arqueológicas. Partindo de alguns materiais arqueológicos recolhidos no Castro de Guifões, Matosinhos (Arezes & Magalhães, 2024), criou-se um jogo de cartas com o objetivo de estabelecer a correlação física entre o local do achado do artefato/ecofato representado na carta e a sua proveniência geográfica. As cartas, para além das imagens dos referidos artefatos/ecofatos, exibiam uma cor específica, relativa ao período cronológico em que os vestígios deviam ser integrados.

Para materializar visualmente o trajeto percorrido pelos artefatos/ecofatos, desde a sua origem até ao local da sua descoberta, os participantes ligavam os dois locais com um fio, e cada um desses fios apresentava cores análogas às utilizadas nas cartas para representar os diferentes períodos cronológicos (**Figura 3**).

Este processo permitiu obter uma imagem representativa dos itinerários percorridos pelos artefactos/ecofatos, evidenciando as redes de circulação do passado e reforçando a ideia de que a mobilidade e as migrações não constituem assunto exclusivo da atualidade. Este exercício convidou os participantes

7. Esta atividade de escavação arqueológica simulada integra o catálogo de Educação Patrimonial do projeto "Os arqueólogos não escavam dinossauros" (Nunes, 2026), desenvolvido na Palimpsesto por um de nós (SN).

8. Para isso, foram utilizados materiais previamente concebidos por Mário Barroca, em colaboração com a equipa docente de Arqueologia da FLUP, elaborados para apresentação/divulgação do curso de 1.º ciclo, na iniciativa Dia Aberto da FLUP.

9. Para o efeito usaram-se alguns artefactos arqueológicos, réplicas de artefactos arqueológicos em impressão 3D, e ainda reproduções elaboradas de forma artesanal, com matérias-primas idênticas às dos objetivos originais", segundo processos de fabrico similares.

a refletir sobre a sociedade atual enquanto resultado de um conjunto alargado e heterogéneo de ligações a outras realidades culturais e geográficas.

3.4. O Passaporte da atividade

A iniciativa integrava ainda a disponibilização de um desdobrável (**Figura 5**), apelidado de passaporte, que visava, por um lado, registar as atividades propostas, individualizando-as e sugerindo um percurso de leitura do próprio expositor; por outro, sistematizar a informação e veiculá-la de forma clara a todos os públicos. Assim, no anverso deste desdobrável encontravam-se discriminadas as atividades, com um nome que indicava o tema a trabalhar e um espaço específico para registar a realização da proposta, atestada pela colocação de um pequeno autocolante. O desenho do autocolante (um vaso cerâmico fragmentado, uma ampulheta e dois pontos num mapa), a par do título da atividade (técnicas de campo e de laboratório, cronologia em prática e mobilidades), proporcionavam a apreensão imediata do âmbito da atividade. Após a colocação dos três autocolantes, o participante ficaria a conhecer os resultados de aprendizagem esperados (*O que eu já sei!*): as principais tarefas dos arqueólogos, os critérios basilares para aferir cronologias relativas e a importância do estudo da mobilidade de pessoas, animais e coisas ao longo da história da humanidade.

No reverso, procurou-se dar resposta à pergunta mais simples e, provavelmente, a mais difícil de responder: "O que é a Arqueologia?". Tendo em consideração o público-alvo preferencial, a linguagem foi adaptada para despertar a curiosidade e suscitar interesse pela leitura sequencial de quatro pequenos textos propostos. Para facilitar a compreensão, foi também construída uma barra cronológica, muito simplificada, mas que permitia enquadrar, no tempo sequencial, todas as materialidades escolhidas para as atividades.

4. UMA PARTICIPAÇÃO PLURAL – ANÁLISE DOS INQUÉRITOS E AFERIÇÃO DO POTENCIAL IMPACTO

No fim da sequência proposta dos três jogos didáticos, os participantes foram convidados a preencher um pequeno questionário que incluía duas perguntas de resposta fechada e uma de resposta aberta. Assim, perguntou-se, nas questões 1 e 2: "Aprendeste alguma coisa nova sobre arqueologia hoje?" e "Despertamos a tua curiosidade sobre esta ciência?". As opções de resposta oferecidas foram as seguintes: "Muito", "Sim" e "Não". A terceira questão pedia que descrevessem a atividade realizada utilizando apenas uma palavra[10].

O inquérito procurou preservar a identidade dos participantes, solicitando apenas que indicassem a sua idade. No total, foram recolhidos trinta e oito questionários, número inferior ao total de participantes, uma vez que nem todos preencheram ou devolveram o questionário que lhes foi entregue.

A faixa etária dos participantes variou entre os 3 e 60 anos. Considerando a amplitude evocada, optámos por organizar os inquéritos por intervalos de idade, tendo como referência os eventuais níveis de escolaridade. Deste modo, adotámos os seguintes critérios: grupo com idades compreendidas entre os 3 e os 10 anos (Educação Pré-escolar e 1.º ciclo); grupo com idades entre os 11 e os 17 anos, (correspondendo *grosso modo* ao 2.º e 3.º ciclo / Ensino Secundário); grupo com idades entre os 18 e os 25 anos (jovens adultos); por fim, o último grupo etário corresponde a uma categoria mais ampla, abrangendo os participantes com mais de 26 anos de idade. Os inquéritos com respostas às questões colocadas, mas com o campo "idade" por preencher, foram integrados na categoria de faixa etária "indeterminada".

A análise da amostra revela que os participantes que responderam ao inquérito tinham, maioritariamente, idades compreendidas entre os 3 e os 25 anos, o que corresponde a 65,8% do total (vinte e cinco inquéritos de um total de trinta e oito). O maior número de respostas registadas foi de jovens com idades compreendidas entre os 11 e os 17 anos, com doze respostas (31,6%), seguido pelo grupo mais jovem (entre 3 e 10 anos), com nove respostas (23,7%); por fim, os jovens adultos, com quatro respostas (10,5%). Os restantes treze inquéritos provêm do grupo que compreendia a faixa etária entre 26 e 60 anos, com dez respostas (26,3%), e do grupo com idade indeterminada, com três respostas (7,9%).

As respostas à questão "Aprendeste alguma coisa nova sobre arqueologia hoje?" registaram uma avaliação amplamente favorável, sendo que 81,6% dos participantes indicaram ter aprendido muito. Esta tendência verificou-se transversalmente a todas as faixas etárias, demonstrando o potencial da ativi-

10. Sobre a análise de entrevistas de inquérito, veja-se, por exemplo, BARDIN, 2016, pp. 65-72.

dade para promover novas aprendizagens junto de públicos diversificados.

A segunda pergunta, "Despertamos a tua curiosidade por esta ciência?", também obteve 100% de respostas positivas, o que traduz o potencial da atividade para suscitar interesse pela Arqueologia, um dos objetivos da iniciativa da Noite dos Investigadores. A resposta "Muito" foi a mais escolhida, tendo sido referida por vinte e cinco participantes, totalizando 65,8% das respostas. A opção "Sim" foi a selecionada pelos restantes treze e corresponde a 34,2% das respostas.

O grupo que compreende a faixa etária entre os 11 e os 17 anos (2.º e 3.º ciclos / Secundário) é o único em que a resposta "Sim" (58,3%) supera a de "Muito" (41,7%). Este facto parece indicar que, para os adolescentes, a atividade despertou o interesse e a vontade de saber mais, mas o grau de satisfação imediata foi ligeiramente inferior ao alcançado por outros grupos. As restantes faixas etárias indicaram ter ficado "Muito" curiosas, destacando-se o grupo de Jovens adultos (18-25 anos), com 100% de respostas "Muito", logo seguido pelos Adultos (26-60 anos), com oito respostas "Muito" e apenas duas "Sim" e, por fim, o grupo de participantes cujas idades se enquadram entre os 3 e os 10 anos, com sete respostas "Muito" e apenas duas respostas "Sim".

Na terceira parte do inquérito, solicitava-se que os participantes descrevessem a atividade, resumindo-a apenas numa palavra. Dos trinta e oito inquéritos, apenas um participante não preencheu este campo e quatro das respostas excederam o limite definido de uma palavra.

A análise das palavras utilizadas pelos participantes para descrever a atividade (*vd.* **Tabela 1**) permitiu compreender as perceções imediatas associadas à experiência e parece apontar para tendências distintas entre as faixas etárias, evidenciando padrões emocionais e cognitivos característicos dos diferentes grupos[11]. A análise de conteúdo permitiu a identificação de unidades de significado e a sua caracterização sistemática, atestando um predomínio de avaliações positivas e um forte envolvimento emocional com a atividade[12].

As palavras mais utilizadas para descrever a atividade foram: "Interessante", "Incrível", "Divertido", "Fascinante", "Fixe", "Cultura" e "Educativo". As expressões "Interessante" e "Incrível" foram as mais utilizadas, com cinco repetições cada. A faixa etária entre os 11 e os 17 anos repetiu a palavra "Interessante" três vezes. De realçar, ainda, a presença de vocabulário como "Cultura" e "Educativo", reforçando o carácter formativo do evento e demonstrando que a atividade não só despertou interesse, mas também foi percebida como enriquecedora. Entre as respostas que não se repetem, destacamos as seguintes: "Bonita", "Enriquecedora", "Maravilhoso", "Quero ser", "Adorei", "Boa", "Top", "Interativo", "Inspiradora", "Excelente", "Surpreendente", "Descoberta", "Curiosa", "Completa".

Quando se analisam as diferenças entre faixas etárias, observa-se que os mais jovens tendem a utilizar palavras mais simples e associadas à diversão ("Divertido", "Boa", "Adorei") e os adolescentes recorrem a termos mais variados e abstratos, como "Cultura", "Educativo", "Enriquecedora", "Fixe ou "Top". No grupo dos "Adultos" surgem expressões mais complexas, como "Inspiradora", "Descoberta do Mundo" ou "Surpreendente", sugerindo uma interpretação mais estruturada e reflexiva da experiência.

Em síntese, as expressões e palavras utilizadas demonstram que a atividade conseguiu mobilizar dimensões afetivas, cognitivas e culturais, proporcionando uma vivência globalmente positiva, reforçando os resultados quantitativos. Esta convergência entre emoção e interesse constitui um indicador importante no momento de avaliar a qualidade pedagógica e cultural deste tipo de iniciativas.

O convite ao preenchimento do inquérito partiu da preocupação em aferir o impacto decorrente da implementação do ARQUEOLAB. Estamos conscientes de que representa (ainda) uma atividade isolada e de que o questionário proposto não pode ser entendido como um instrumento de medição direto ou linear do impacto da ação. Se a primeira pergunta pretendia avaliar o grau de satisfação dos participantes, funcionando como um indicador de desempenho ou de sucesso da iniciativa, as duas restantes procuravam compreender de que forma a mensagem foi (no imediato) apreendida pelos participantes.

As respostas às perguntas 2 e 3 podem fornecer indícios sobre o impacto educativo e social da atividade, revelando o despertar da curiosidade pela Arqueologia e contribuindo para a sua perceção enquanto

11. Sobre o envolvimento emocional dos participantes/ estudantes e os efeitos provocados nas aprendizagens veja-se o guia produzido por Reinhard Perkun para a Unesco (Perkun, 2014).

12. A importância das emoções na linguagem foi recentemente analisada por Ferré, Fraga & Hinojosa, (2025).

disciplina científica. Através do reconhecimento dos seus métodos operativos e das técnicas analíticas que adota, alargaram-se as perspetivas dos participantes sobre o nosso passado comum, ao mesmo tempo que se evidenciaram a diversidade e a complexidade das sociedades que nos antecederam, bem como a constante mobilidade de pessoas, produtos e ideias. Analisando as expressões utilizadas para caracterizar a atividade, entendemos que os objetivos delineados foram cumpridos através de uma forma divertida de descobrir e aprender.

5. PALAVRAS FINAIS

Em síntese, o ranking das palavras mais utilizadas nos inquéritos demonstra que a atividade implementada foi globalmente bem recebida, tendo potenciado a combinação de dimensões emocionais, cognitivas e formativas nos participantes. A coexistência de termos associados ao prazer, ao interesse intelectual e à aprendizagem sugere o carácter multidimensional do ARQUEOLAB, a sua capacidade de envolver públicos distintos e de promover experiências simultaneamente agradáveis e enriquecedoras. Este conjunto de evidências sustenta a ideia de que a atividade desempenhou um papel relevante enquanto recurso educativo e cultural, com potencial para gerar impacto positivo em diferentes faixas etárias. Os resultados positivos obtidos, ainda que assentes numa participação limitada a um só evento, servirão de base para delinear ações futuras onde se irá procurar a avaliação do impacto exercido junto dos públicos, seguindo iniciativas que estão a ser implementadas noutras áreas científicas (e.g. Branquinho *et al*., 2025).

O ARQUEOLAB, resultado da articulação entre as esferas académica e empresarial em Arqueologia, veio reforçar a ideia de que a comunicação de ciência e a educação patrimonial são estratégicas para refletir sobre questões tão atuais como as migrações, que podem e devem ser usadas como ferramentas para a construção de uma sociedade mais tolerante e inclusiva. Neste sentido, propomos que o arquivo arqueológico assuma a sua função social, de forma a garantir uma Arqueologia com capacidade de intervenção e acessível a todos.

AGRADECIMENTOS

O contributo do CITCEM – Centro de Investigação Transdisciplinar Cultura, Espaço e Memória (https://doi.org/10.54499/UID/04059/2025) foi crucial para pensar e realizar o ARQUEOLAB. A imagem gráfica da atividade, assim como os materiais criados para a sua implementação, foram desenhados por Marta Costa (CITCEM), a quem muito agradecemos. Estendemos o nosso obrigado a Sandra Melo (CITCEM) pelo tratamento inicial dos questionários e a António Costa (Unidade de Publicações, FLUP), pela disponibilidade para realizar as impressões 3D de algumas réplicas dos artefactos arqueológicos usadas na Noite dos Investigadores. Não poderíamos, ainda, deixar de sublinhar que a concretização desta iniciativa decorreu do desafio e do apoio da Professora Doutora Inês Amorim (Coordenadora Científica do CITCEM), da Professora Doutora Fernanda Ribeiro (Vice-Coordenadora do CITCEM) e do Professor Doutor Mário Barroca (Coordenador do Grupo de Investigação Territórios, Paisagem e Ambiente): a todos, expressamos o nosso genuíno agradecimento.

Dirigimo-lo também a João Nuno Marques (Palimpsesto, Estudo e Preservação do Património Cultural), pelo seu envolvimento pessoal na iniciativa e pela cedência de materiais didáticos desenvolvidos pelo departamento de Educação Patrimonial da empresa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AREZES, Andreia & MAGALHÃES, Catarina (2024) – Castro de Guifões (Northwest Portugal) during Late Antiquity. Perspectives on archaeological and anthracological data recovered in an Archaeological Research Project framework. In BERRICA, S. & OLIVÉ-BUSOM, J., eds. – Mirroring Worlds: Rural Domestic Spaces through Multidisciplinarity in Late Antiquity and the Early Middle Ages. Oxford: Archaeopress, pp. 101-117.

BARDIN, Laurence (2016) – *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, pp. 65-71.

BRANQUINHO, Raquel, GONÇALVES, M., VIDAL, F., CABRAL, O. e PEREIRA, R. (2025) – How can we make microbiology relevant to primary school students? *Proceedings of INTED2025 Conference,* pp. 6737-6746.

COBB, Hannah; CROUCHER, Karina (2014) – Assembling archaeological pedagogy: a theoretical framework for valuing pedagogy in archaeological interpretation and practice. *Archaeological Dialogues*. 21:2, pp. 197-216.

CONFERÊNCIA DE PORTO SANTO (2021) – *Carta do Porto Santo: A cultura e a promoção da democracia: para uma cidadania cultural europeia*. Porto Santo: Presidência Portuguesa do Conselho da União Europeia.

CURA, Sara (s./d.) – *Comunicar Arqueologia*. Disponível em: https://comunicararqueologia.pt/.

CURA, Sara; NUNES, Susana; PORFÍRIO, Eduardo; SERRA, Miguel (2026) – Arqueologia e Sociedade: 3 projetos, 3 encontros e ideias para o futuro. *Artigo integrado neste volume*.

DAVID, Andrew (2006) – "Finding sites". In BALME, Jane & PATERSON, Alistair – *Archaeology in Practice. A Student Guide to Archaeological Analyses*. Malden: Blackwell Publishing, pp. 1-38.

DINIZ, Mariana (2008) – Arqueologia, Divulgação, Universidade: palavras-chave para um Novo Contrato Social, *Praxis Archaeologica*, Associação Profissional de Arqueólogos, pp. 25-30.

EUROPEAN RESEARCH NIGHT (s./d.) – Disponível em: https://european-research-area.ec.europa.eu/.

FALK, John H.; DIERKING, Lynn D. (2016) – *The museum experience revisited*. London: Routledge.

FERRÉ, Pilar; FRAGA, Irene; HINOJOSA, José A. (2025) – The interplay between language and emotion: a narrative review. *Cognition and Emotion*. 39:7, pp. 1418-1445. DOI: 10.1080/02699931.2025.2549965.

HENDERSON, A. Gwynn; LEVSTIK, Linda S. (2016) – Reading Objects: Children Interpreting Material Culture. *Advances in Archaeological Practice*. 4:4, pp. 503-516.

HENSON, Don (2017) – Archaeology and Education. In MOSHENSKA, Gabriel, ed. – *Key Concepts in Public Archaeology*. London: UCL Press, pp. 43-59.

JORGE, Susana Oliveira (2005) – Conservar para quê? Apontamento. In JORGE, Vítor Oliveira, ed. – *Conservar para quê?*, Porto/Coimbra: FLUP/DCTP e CEAACP(FCT), pp. 59-65.

MARIE SKŁODOWSKA-CURIE ACTIONS (s./d.) – *MSCA and Citizens*. Disponível em: https://marie-sklodowska-curie-actions.ec.europa.eu/actions/msca-and-citizens.

NUNES, S. (2026) – "Os arqueólogos não escavam dinossauros: mediação patrimonial e comunicação de ciência em arqueologia", *Oficinas de Investigação CITCEM – Sessão 9: Comunicação de Ciência em Arqueologia*, 5 de março de 2026. https://doi.org/10.5281/zenodo.19307195.

NOITE EUROPEIA DOS INVESTIGADORES (s./d.) – *EU EMBRACES*. Disponível em: https://nei.cienciaviva.pt/2024-2025/sobre.

PERKUN, Reinhard (2014) – Emotions and Learning. *Educational Practices Series*. 24. Paris: UNESCO – International Academy of Education. Disponível em: https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000227679.

QUIRINO, Carla; MARTINS, Andrea; DINIZ, Mariana (2023) – A Arqueologia Pública: A Festa da Arqueologia como Caso de Estudo. In ARNAUD, José Morais; NEVES, César & MARTINS, Andrea, eds. – *Arqueologia em Portugal 2023: Estado da Questão*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 1993-2012.

REGULAMENTO dos Trabalhos Arqueológicos (2014) – Decreto-Lei n.º 164/2014, de 4 de novembro. Lisboa: Diário da República, 1.ª série, n.º 213.

ROB, John (2005) – Agency. In RENFREW, C. & BAHN, Paul, eds. *Archaeology. The key concepts*. London: Routledge.

SERRA, Miguel (2015) – Uma reflexão sobre divulgação da arqueologia a partir de uma experiência em meio empresarial. *Antrope*. 2, pp. 67-86.

SOUSA, Ana Catarina (2015) – Challenges and opportunities for disseminating archaeology in Portugal: different scenarios, different problems. In *When Valletta Meets Faro: The Reality of European Archaeology in the 21st Century. Proceedings of the International Conference. Lisbon, Portugal, 19–21 March 2015*. EAC Occasional Paper, 11.

VALERA, António Carlos (2008) – A divulgação do conhecimento em Arqueologia: reflexões em torno de fundamentos e experiências. *Praxis Archaeologica*. 3, pp. 9-23.



Figura 1 – Visão geral do expositor da iniciativa *ARQUEOLAB: no rasto das migrações*, realizada no I3S, Universidade do Porto. Em primeiro plano, desenvolve-se a atividade de simulação de escavação arqueológica. Autoria: autores do texto.



Figura 2 – Nova perspetiva do expositor, com a "caixa-sondagem" utilizada na simulação de escavação arqueológica em primeiro plano, ideia original do projeto *Os arqueólogos não escavam dinossauros*. Autoria: autores do texto.



Figura 3 – Detalhe da atividade de correspondência entre grandes períodos cronológicos, sítios arqueológicos e cultura material. Autoria: autores do texto.



Figura 4 – Visão da realização do jogo sobre mobilidade ao longo do tempo, com a identificação, no mapa da Europa e do Norte de África, da localização de registo e de proveniência do artefacto/ecofacto identificado na carta selecionada por cada participante. Autoria: autores do texto.



Figura 5 – Desdobrável com informação relevante sobre a Arqueologia e o tema principal do ARQUEOLAB, as mobilidades e migrações. Este passaporte permitia o registo da conclusão de cada um dos três jogos/atividades propostos através da colocação de um autocolante. Autoria: autores do texto.

Idade	Faixa etária	Pergunta 1 – Aprendizagem	Pergunta 2 – Curiosidade	Descrição da atividade numa palavra
3	3–10 anos	Muito	Muito	Divertido
5	3–10 anos	Muito	Muito	Bonita
5	3–10 anos	Sim	Sim	Divertido
6	3–10 anos	Muito	Muito	Quero repetir infinitas vezes
6	3–10 anos	Muito	Muito	Quero ser
7	3–10 anos	Muito	Muito	Adorei
8	3–10 anos	Sim	Sim	Boa
9	3–10 anos	Muito	Muito	–
9	3–10 anos	Muito	Muito	Interessante
11	11-17 anos	Muito	Sim	Fixe
12	11-17 anos	Muito	Muito	Maravilhoso, Interessante
12	11-17 anos	Sim	Muito	Cultura
12	11-17 anos	Muito	Muito	Educativo
12	11-17 anos	Muito	Sim	Fixe
12	11-17 anos	Muito	Sim	Interessante
12	11-17 anos	Sim	Muito	Top
12	11-17 anos	Sim	Sim	Incrível
13	11-17 anos	Muito	Sim	Incrível
14	11-17 anos	Muito	Sim	Cultura
14	11-17 anos	Muito	Muito	Interessante
16	11-17 anos	Muito	Sim	Enriquecedora
22	18–25 anos	Muito	Muito	Fascinante
23	18–25 anos	Muito	Muito	Interativo
24	18–25 anos	Muito	Muito	Educativo
24	18–25 anos	Muito	Muito	Incrível
28	Adultos	Muito	Muito	Incrível
32	Adultos	Muito	Muito	Inspiradora
32	Adultos	Muito	Muito	Curiosidade
38	Adultos	Muito	Muito	Fascinante
44	Adultos	Muito	Muito	Excelente
50	Adultos	Muito	Muito	Incrível
51	Adultos	Muito	Muito	Surpreendente
56	Adultos	Muito	Sim	Descoberta do Mundo
59	Adultos	Sim	Sim	Curiosa
60	Adultos	Muito	Muito	Descoberta
–	Ind.	Muito	Muito	Completa; divertida
–	Ind.	Sim	Sim	Interessante
–	Ind.	Muito	Sim	Divertido

Tabela 1 – Sistematização dos dados obtidos no questionário.